



Ileana Cotrubas: em busca da perfeição

Um mito da ópera na Sala

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Nas cartas de tarô, o arcano I (o mago) é um ser perfeito cuja missão é modificar as coisas do mundo sensível. Mística e supersticiosa a soprano Ileana Cotrubas, romena radicada na França, não pisará hoje, às 21 horas, o palco da Sala Cecília Meireles, onde canta *Stabat Mater*, a última peça de Giovanni Battista Pergolisi, sem consultar um especialista nessas populares cartas ciganas — uma das principais exigências feita a seus empresários ao desembarcar em São Paulo, no domingo.

Somente depois disso é que a cantora, consagrada internacionalmente como grande intérprete da intensa *Violetta*, personagem da ópera *La Traviata*, de Verdi, e gravada por ela com o tenor espanhol Plácido Domingo em 1977, elevará as mãos aos céus, como o mago do tarô ergue o seu bastão mágico, para alcançar a perfeição — “um ideal que nunca abandono”, diz ela.

Stabat Mater, um oratório em torno do sofrimento de Maria, escrito para duas vozes há 250 anos, segue ao Rio com apenas dois ensaios realizados com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, regida pelo paulistano Flávio Chamis, e uma única apresentação, ontem, em São Paulo, no Teatro Cultura Artística. A ópera também conta com a participação especial de outra romena, Liliana Bizineche, uma contratada de 32 anos, apresentada por Cotrubas, com quem já percorreu vários recitais na Europa, como “uma das maiores revelações” da música lírica atual. Na verdade, elas pretendiam realizar no Brasil um programa de canto barroco, mas como o concerto foi organizado na última hora, não houve tempo de reunir as partituras para a orquestra. A solução encontrada foi fazer a *Stabat Mater*, bastante familiar a ambas e apresentada por elas no Festival de Açores do ano passado.

Usando um echarpe vermelho vivo e um batom do mesmo tom — por sinal, a cor predominante nos trajes do mago do tarô —, a cantora revelou em entrevista, na véspera da estreia paulistana, com uma sinceridade invejável, que a ópera não vive, como insistem em afirmar muitos músicos eruditos, um período de ascensão. Apesar de ser considerada um dos maiores mitos para os apreciadores

da ópera francesa, Cotrubas admitiu o pequeno interesse despertado atualmente pelo gênero. “Vivemos numa sociedade decadente e superficial, onde falta tempo para o deleite e o aprimoramento de um trabalho tão complexo como a ópera”, reclamou. Fã incondicional da falecida Maria Callas — “ela provocou a maior revolução na arte lírica dos últimos tempos” —, Cotrubas julga que a ópera se aproxima do sublime toda vez que atinge um detalhamento sonoro comparável aos recitais de câmara (com poucos instrumentos). “Isso está se tornando cada vez mais difícil, porque exige tempo”, queixa-se.

Ileana Cotrubas canta hoje no Rio. Mas só depois de consultar o tarô

Elogiada também pelo talento dramático, ela garante, aos 49 anos, que se não tivesse voz, seria atriz — “não saberia viver longe do palco”, diz ela, que desde criança já cantava no coro da Rádio de Bucarest. Há muitos anos morando na Côte D’Azur faz parte do folclore criado em torno da cantora que dizer toda a vez que deixa a França, ela costuma tomar “passes” de “algum bruxo bom”. Da última vez que veio ao Brasil, em 1981, Cotrubas freqüentou um pai-de-santo carioca, e acredita-se que tenha resolvido trocar o vestido na última hora, para uma apresentação de *Don Pasquale*, de Donizetti, no Teatro Municipal, por pura superstição — a sorte foi ter encontrado uma modista, de cujo nome se lembra até hoje (“Lucila”), que em meio dia teceu um belo modelo vermelho. “O vestido já percorreu o mundo e me deu sorte em outros recitais”, acredita.

Desta vez, porém, Cotrubas trouxe uma mala cheia de modelos só para *Stabat Mater*, e ainda não sabe qual deles irá usar na Sala Cecília Meireles. “Depende muito do espaço, do meu estado de espírito, e da integração com toda a orquestra”, afirma. Ensina o tarô que apesar de toda a criatividade atribuída ao mago, essa é a peça do baralho que mais sofre influência das outras cartas que se agrupam à sua volta ou a acompanham.